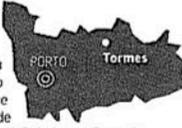


aqui é Portugal
Tormes

» Foi a terra que inspirou o último romance de Eça de Queirós, 'A Cidade e as Serras'. Fica na freguesia de Santa Cruz do Douro, a 15 km da vila de Baião e a 80 km do Porto.



RUI FRIAS

A estação de Tormes continua "clara e simples, à beira do rio, entre rochas", como a descreveu há mais de um século Zé Fernandes, companheiro de viagem de Jacinto desde a cosmopolita Paris até à pequena aldeia duriense, no romance de Eça de Queirós *A Cida-*

de as Serras. Faltam dez minutos para a uma da tarde e a pequena estação parece um acolhedor abrigo esquecido, a contemplar a beleza tranquila do Douro. Não se vê vitalma, só o cenário arrebatador da natureza a que até o cidadão Jacinto acabou por se render...

António e Joel chegam uns 15 minutos depois, vindos do almoço. O primeiro é o chefe da esta-

ção, o segundo o operador de manobras. Os dois são os "habitantes" da estação de Tormes/Arêgos durante a semana. Desde 2009, ano em que esta reabriu ao público depois de vários anos fechada. Por aqui, o tempo passa sem pressas. E sem grandes distrações. O café, ao lado da estação, tem as portas fechadas. "Este é um turno de resistência", diz o chefe

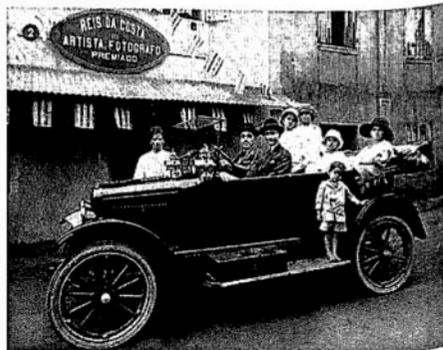
António Silva. A estação serve agora umas "30 pessoas por dia", distribuídas pelos cinco comboios que diariamente fazem paragem em Tormes. Algumas chegam de barco, pois há duas semanas começaram as travessias fluviais entre os cais construídos nas duas margens do rio, que trazem (e levam) as gentes de Resende até este pequeno terminal de Baião — e co-

nisto somos bons

Lusofonia



1. 1900 — O retrato de Jorge Barreto Xavier, rodeado pela família.
2. 1920 — A família, da classe alta, teve um dos primeiros automóveis de Goa. O criado também está na fotografia, mas lá atrás.
3. 1958 — O pai, Filomeno Barreto Xavier, com os amigos goeses em Lisboa, onde estudou Direito.
4. 1964 — Familiares mascarados no Carnaval em Goa.
5. 1967 — Aos dois anos, com os pais.
6. 1975 — A família mudou-se para a Guarda. Do calor para a neve.
7. 1994 — Jorge Barreto Xavier com a mulher, Mónica, na casa da família em Margão. A lua-de-mel foi passada na Índia.
8. 2011 — Jorge Barreto Xavier na actualidade.



Influência. No século XVII, muitas famílias goesas das castas mais elevadas converteram-se ao catolicismo, mudaram de nome e adoptaram a língua e a cultura portuguesas. Foi assim com a família de Jorge Barreto Xavier

MARIA JOÃO CAETANO

As fotografias mais antigas da família são do final do século XIX e mostram senhores de longo bigode e senhoras de troço, eles de fato e laço ao pescoço, elas de vestidos com folhos, crianças vestidas à marinheiro. "Tirando a cor da pele, são ocidentais", explica Jorge Barreto Xavier, à medida que mostra as imagens encontradas nas gavetas da casa da família em Margão, no estado de Goa, Índia. São ocidentais e portugueses, tão portugueses quanto os portugueses nascidos na metrópole. "Mas portugueses ainda", sublinha o ex-secretário de Estado da Cultura. Para perceber esta afirmação, é preciso recuar uns séculos, até ao ano de 1510, quando Afonso de Albuquerque tomou Goa aos

muçulmanos. Era um porto importante e de depressa substituiu Cochim como a capital do Estado Português da Índia. Goa transformou-se num centro não só administrativo como também religioso e cultural. "Como não havia portugueses suficientes para enviar para a Índia, a solução foi promover os casamentos mistos", conta Barreto Xavier. Isto acontece primeiro entre as classes sociais mais baixas. "Ao princípio, os brâmanes não vão na história." Mas por pouco tempo. Os portugueses começam por derrubar a maioria dos templos hindus e os terrenos passam para as ordens religiosas católicas. Os brâmanes, que são a casta mais elevada e tradicionalmente mais influente

Os brâmanes tornaram-se católicos mas mantiveram a casta

(são, por exemplo, os chefes das aldeias) sentem que o seu poder está a ser ameaçado. "Os brâmanes começam a converter-se no fim do século XVI. Isso dá-lhes vantagens. São agentes locais de dominação. E é provável que a minha família tenha feito parte dessa onda de conversões. As famílias adoptam nomes portugueses. Gente que é absolutamente indiana em termos de sangue, mas é portuguesa no nome. E, algo paradoxal, eles conseguem manter o sistema de castas. São brâmanes católicos. Mantêm-se toda a lógica da divisão das funções sociais e dos casamentos, quase até aos dias de hoje." A pesquisa histórica realizada pelo avô Barreto Xavier demonstra que o nome está na

família desde 1670. Mudam o nome e a religião. Mas não só. "Estas famílias adoptam integralmente o pacote cultural português", explica Barreto Xavier. "Adoptam a língua, o modo de vestir, o modo de vida, a cultura. E de algum modo querem ser mais portugueses do que os portugueses. Porque querem ser reconhecidos como iguais." E dá um exemplo: "A religiosidade, que era muito presente nas populações hindus, passa para o catolicismo. E eles são muito religiosos." Ainda hoje. As missas são muito concorridas, as procissões são autênticas festas. Na casa da família de Jorge Barreto Xavier sempre se rezou o terço, todos os dias, ao fim da tarde. A tradição mantém-se. O que acontece em Goa é algo que não acontece nas outras colónias portuguesas — há uma cultura milenar e muito rica que re-

Em Goa sê português

cebe uma cultura "nova" e que se adapta a ela. E o resultado disto é uma nova cultura, completamente miscigenada. Dizer "brâmanes católicos" é disso prova. Assim como a arquitectura, que mistura estilos e influências. Ou o mobiliário dito hindo-português. Ou até a gastronomia. "Os hindus não comem carne de porco nem de vaca. Os brâmanes católicos podem comer esta carne, mas temperam-na de acordo com a tradição hindu." E adaptam os sabores tradicionais aos sabores trazidos pelos portugueses. É por isso que a comida goesa é tão diferente da indiana. Em 1961, uma força de 40 mil soldados conquistou Goa para a União Indiana. Para a população portuguesa na Índia, iniciou-se uma nova fase. Filomeno Barreto Xavier, nascido em 1939, estava a estudar em Lisboa

cincos anos, mudou-se com a família para Portugal. Para a região da Guarda. De um clima quente e húmido, tropical, para as temperaturas negativas e a neve que caía na serra. Mas adapta-se bem, como qualquer criança. Desde então, Goa passa a ser conhecida com férias e com o reencontro da família. "Iamos lá de dois em dois ou de três em três anos. Mantivemos uma grande ligação, até porque parte da família ficou lá. Ainda lá estão as tias Carmita e Manuela na nossa casa." Um casarão enorme, como era tradição, onde as várias gerações se iam instalando. "Sempre vivi cá. Eu sou português, a minha cultura é completamente ocidental. Há muitas coisas que me fazem impressão na cultura de lá, sobretudo no que diz respeito ao relacionamento entre as classes sociais. Aprendi a falar concani quando era criança, claro, todos os goeses falavam português e concani, mas hoje já não me lembro de nada. E, no entanto, a ligação é muito for-

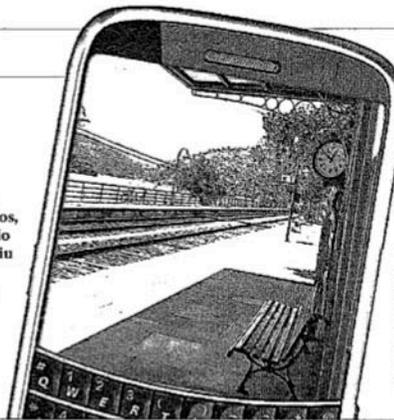
Está a perder-se a influência portuguesa em Goa

eternizou

o apetece esperar pelo barco. No Verão, época alta, "são mais, bastantes turistas". Quase todos em busca dos caminhos de Jacinto, essa personagem central do romance de Eça que celebrou Tormes. E não é preciso procurar muito. A obra, a personagem e o autor apresentam-se desde logo, nuns belos murais à saída da estação. Serpenteando pela estrada aci-

ma, o percurso destapa-nos os "vales poderosamente cavados" na serra de "grande igual à graça". Num desses vales, precisamente, fica abrigado o cemitério de Santa Cruz do Douro, onde jazem os restos mortais de Eça. Mais acima, numa saída da estrada nacional que liga ao centro de Baião, chega-se à Quinta de Tormes, que acolhe a fundação do escritor e onde con-

A estação de Tormes/Arêgos, na margem do Douro, reabriu em 2009 e é frequentada sobretudo por turistas na época alta

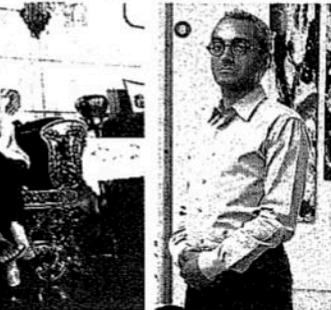


tinua a produzir-se o vinho verde "esperto e selvoso" que Jacinto apreciava. Poucas curvas antes, António e Arminda, 73 e 71 anos, trabalham um pequeno quintal, dádiva da "filha do velho Eça" pelos anos de trabalho de António. "É o que nos vale, para irmos levando a vida como se pode", contam, agradecidos. Como todo o lugar de Tormes, de resto.

PORTUGUÊS É A 5.ª LÍNGUA MAIS FALADA

MAIS DE 270 MILHÕES DE LUSÓFONOS

IDIOMA OFICIAL EM OITO PAÍSES



te. Eu também sou goês. Aquelas são as minhas raízes." Licenciado em Direito, Jorge Barreto Xavier foi vereador da Cultura em Oeiras e esteve vários anos à frente do Clube Português de Artes e Ideias. Durante dois anos, assumiu a secretária de Estado da Cultura, tendo-se demitido em 2010. Neste momento, dá aulas de Gestão Cultural no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa, onde prepara o doutoramento na área das políticas culturais. Quando se casou, fez questão de levar a mulher à Índia, de lhe mostrar a sua Goa e a sua casa. Foi lá que passaram a lua-de-mel. E os dois filhos do casal também já lá foram. "Goa está muito distante de Portugal", diz. "Com o 25 de Abril, houve uma rejeição em bloco. O Estado Novo defendia o grande Portugal e um colonialismo típico num contexto de uma ditadura, e, portanto, durante as décadas de 70 e 80 falar das ex-colónias era quase como querer voltar ao passado. Isto impediu uma percepção estratégica da importância da presença portuguesa no mundo. Na nossa escola, por exemplo, não se aprende nada sobre Portugal no mundo. Fala-se dos descobrimentos e pouco mais. Não conseguimos transportar a história dos descobrimentos para a actualidade." Em termos de política da língua, os erros foram cometidos um pouco por todo o lado. E também na Índia. "O último jornal português da Índia, que se publicava ainda nos anos 70, *O Herald*, estava desesperado porque precisava de um dinheiro miserável para continuar a funcionar. Pediu apoio a Portugal, mas esse apoio não apareceu e então transformou-se num jornal de língua inglesa. Chama-se *The Herald*. Actualmente, em Goa, apenas a população com mais de 50 anos continua a falar português. Mas, apesar de tudo, parece haver um interesse renovado na língua portuguesa. "Há uma grande curiosidade por parte de novas gerações. Reconhecem que pode ser útil para conhecer melhor a Europa e para passar para o Brasil. Mas não estamos a estimular esse interesse nem a aproveitá-lo."